

UM OLHAR HUMANISTA DA PERVERSÃO

A view humanistic of perversion

Bruno de Moraes Cury¹, Vivaldi Victor Moreira Salomon²

RESUMO

Este artigo pretende compreender como a estrutura perversa, nomeada pela Psiquiatria Clássica e Psicanálise, é vista na teoria humanista da Abordagem Centrada na Pessoa, proposta por Carl Rogers, bem como relacionar o tema com reportagens atuais. Para tanto, consideramos imprescindível falar de tendência atualizante, pilar desta teoria, além do que seriam as condições favoráveis que estas pessoas deixaram de receber ao longo de suas vidas. Reflete, ainda, como seria possível um trabalho de psicoterapia com ambas as partes envolvidas. A fim de buscar integrar o que cada abordagem tem a contribuir para a Psicologia, e também desmistificar preconceitos, achamos importante buscar um apoio e parceria na teoria psicanalítica.

PALAVRAS-CHAVE: Perversão; Abordagem Centrada na Pessoa; Psicoterapia.

ABSTRACT

This paper aims to contribute to the understanding of how the perversion, designated as structure by the Classical Psychiatry and the Psychoanalysis, is observed in the Humanist Theory of the Centered-Person Approach, as proposed by Carl Rogers, and relate it with nowadays media news. To achieve this purpose, we strongly consider speaking of the actualizing tendency, one of the pillars of this theory, in addition to the favorable conditions that people had no longer been received throughout their lives. We also question on how could possibly be the work a psychotherapy with these approaches involved. In order to seek for the integration of what each of these approaches has to contribute to Psychology, and also to bring down misconceptions, we thought it would be important to look for support and partnership with the Psychoanalytic Theory.

KEYWORDS: Perversion, Centered-Person Approach; Psychotherapy.

RESUMEN

Este artículo pretende comprender como la estructura perversa, nombrada por la Psiquiatría Clásica y el Psicoanálisis se ve en la teoría Humanista del Enfoque Centrado en la Persona, propuesta por Carl Rogers, así como relacionar el tema a los informes actuales. Con este fin, se considera imprescindible hablar de la tendencia actualizante, el pilar de esta teoría, además de lo que serían las condiciones favorables que estas personas han dejado de recibir a lo largo de sus vidas, para que lograsen realizar su total potencial. También refleja cómo es posible un trabajo psicoterapéutico con ambas partes involucradas. Con el fin de tratar de integrar la

¹ FACISA - Faculdade de Ciências Biológicas e da Saúde na União de Ensino Superior de Viçosa Ltda. (UNIVIÇOSA).

² GRUMPSIH – Grupo Mineiro de Psicologia Humanista.

contribución de cada enfoque para la Psicología y también desmitificar los prejuicios, pensamos que es importante buscar el apoyo y la colaboración en la teoría psicoanalítica

PALABRAS-CLAVE: Perversión; Enfoque Centrado em la Persona; Psicoterapia.

A perversão, termo controverso na Psicologia e áreas afins, tem sofrido algumas reformulações ao longo do seu surgimento. Para sistematizar melhor este conceito, enquanto estrutura, faz-se necessário um estudo etimológico da palavra:

É difícil pensar a perversão enquanto estrutura ou montagem sem antes pesquisar este termo no léxico e na psicanálise. A palavra perversão deriva do verbo latino *pervertere* e significa tornar-se perverso, corromper, desmoralizar, depravar. Seu emprego não é privilégio da psicanálise. Tem origem datada em 1444 quando utilizado no sentido de retornar ou reverter, ganhando cedo a acepção de “deplorável”, algo desprezível. No século XIX, a sexologia fez o emprego desse vocábulo como desvio sexual. A psiquiatria francesa sacramentou seu uso enquanto sinônimo de anomalia ou aberrações, prevalecendo a partir do século XX como ilustrativo de certos comportamentos sexuais. Em Freud encontramos a palavra perversão pela primeira vez em 1905, em “Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade”, nos quais o sentido apresentado é de aberração, inversão sexual (PIRES et al., 2011).

A estrutura em Psicanálise se forma a partir do complexo de Édipo, e aqui ela assume, de acordo com o dicionário Aurélio, o caráter de “disposição, agrupamento, padrão ou articulação de partes de um caráter permanente, de modo a formar um sistema ou um todo relativamente estável, ou seja, trata-se de um sistema que põe em relação as partes com o todo” (FERREIRA, 1999 apud PIRES et al 2011).

Na reportagem *Psicopata: eles estão entre nós*, da revista *Isto é* de outubro de 2008, as características dos indivíduos com esta estrutura são definidas como sujeitos:

Charmosos, agradáveis, cobrem seu alvo de elogios. Manipuladores, se fazem de vítimas, parecendo que a culpa é sempre do outro. Mentem descaradamente e, quando surpreendidos, não se mostram constrangidos. Egocêntricos, adoram a autopromoção. Muitas vezes, revelam-se agressivos. Passam por cima de tudo – e de qualquer pessoa – para alcançar seus objetivos. Não sentem culpa ou remorso nem mesmo de matar (FRUTUOSO, 2008, p. 82).

No entanto, a preocupação em diagnosticar a estrutura clínica do sujeito, para então se propor a direção do tratamento, acaba por afastar o profissional da pessoa que está por trás do diagnóstico, sendo este evitado pela Abordagem Centrada na Pessoa:

(...) o diagnóstico psicológico coloca claramente o lócus da avaliação, do julgamento e da responsabilidade pela compreensão do cliente nas mãos do terapeuta, e isto acarreta graves prejuízos ao desenvolvimento do processo terapêutico. (...) O psicodiagnóstico gera no cliente a desestimulante constatação de que ele não é capaz de conhecer a si mesmo, acarretando uma perda da sua confiança básica (FREIRE E TAMBARA, 2007, p. 64).

Adotaremos o termo “perversão” na identificação das pessoas que abordaremos nesse trabalho. Lobo¹ (2006) acreditava que estas haviam experimentado relações de afeto pouco estreitas ao longo de suas vidas, caracterizadas por convivências inexpressivas no que tange a uma troca onde pudessem ser elas mesmas e serem vistas como são, bem como o inverso referencial; àqueles que compunham o universo de suas vivências eram da mesma forma dotados da dificuldade em expressar-se de forma legítima. Parece-nos que a “contaminação” das relações sócio-afetivas pautadas sob a tutela da incongruência (desacordo interno) é fator de alta contribuição na instalação dessa variável perversa. A falta das “condições facilitadoras” para um desenvolvimento saudável levaria, numa visão humanista da psicopatologia, à formação dos quadros nosológicos:

Durante o primeiro ano, dependendo do momento do processo em que essas condições são retiradas, vão se configurando as estruturas psicóticas, ou seja, a catatonia, a esquizofrenia, a hebefrenia, a esquizofrenia paranóide, a paranóia e, já mais próximo ao final do primeiro ano de vida, a psicose maníaco-depressiva (...) A retirada dessas condições provoca um bloqueio no processo evolutivo e o indivíduo passa a funcionar, cronicamente, segundo o estágio em que ele se fixou, com todos os prejuízos que isso implica. (...) Podemos concluir que todas as doenças psicológicas implicam um bloqueio do processo evolutivo, que decorre da retirada das condições necessárias, tendo, portanto, uma causa única. O que vai determinar, então, o quadro nosológico, será o momento do processo evolutivo em que essas condições forem retiradas (LOBO, 2006, p. 3).

Nossa experiência clínica e pessoal nos mostra como as pessoas que convivem ou conviveram com os psicopatas sofrem com a desvalorização e têm posteriormente (caso consigam se desligar destes parceiros) muita dificuldade em confiar em um novo alguém e, particularmente, em si mesmas. O legado oriundo de um longo período de depreciações e ofensas ocasiona uma enorme desesperança em uma possível nova aposta.

Frutuoso (2008, p. 84) diz não haver tratamento para esses casos:

Psicoterapia e psicanálise podem até ensiná-los a manipular com ainda mais maestria, uma vez que aprendem detalhes sobre o comportamento humano. Por

¹ Falecido em Abril de 2009, Escípio da Cunha Lobo é considerado um dos pioneiros da Abordagem Centrada na Pessoa em Minas Gerais. Atuou como professor da PUC Minas por mais de 40 anos. Foi psicoterapeuta e facilitador de grupos.

outro lado, psicopatas são satisfeitos consigo mesmos por não apresentarem constrangimentos morais ou sofrimentos emocionais.

A autora completa, ainda, que algum tipo de ajuda somente seria possível para as vítimas. Discordamos neste ponto, já que, como dito anteriormente, se considerarmos o quadro como um problema afetivo-relacional, e enquanto pudermos oferecer uma escuta qualificada, norteadas pelos princípios fundamentais dos pilares rogerianos e, por conseguinte, propiciar uma configuração organísmica aproximada de um funcionamento ótimo (COPPE, 2007), nossa convicção é de que ao se estabelecer relacionamentos saudáveis, seja possível a percepção do outro numa compreensão mútua. Exupéry (1946, p. 70) dizia-nos que “o essencial é invisível aos olhos”, mas, não ao coração, completaríamos.

Os princípios básicos da psicoterapia são universais, independentemente do quadro nosológico, pois, ao encontrar, de novo, aquelas condições, o indivíduo retoma o seu processo evolutivo, do ponto em que ele estava bloqueado e, assim, continua se desenvolvendo em direção a um funcionamento psicológico cada vez mais saudável. (LOBO, 2006, p. 3)

O artigo “Perversão: uma clínica possível”, escrito por diversos psicanalistas há alguns anos traça um perfil do sujeito perverso e parece compartilhar da nossa idéia de que este tratamento é possível:

ele está constantemente a postos para o ato, agindo sempre na hora certa. Por sua vez, o neurótico mede o tempo e seleciona criteriosamente sua hora de agir, pois ele é um sujeito de falta, de desejo (...) o perverso busca sempre auferir algum lucro que atenda seu propósito de manter o controle (COUTINHO et al., 2004).

O tratamento em consultório passa por uma realidade que ninguém, nem mesmo ele, pode escapar: a inexorabilidade do tempo, considerada uma das portas de entrada para um trabalho psicoterapêutico:

A decadência física e a falibilidade do corpo, do qual se utiliza impiedosamente na repetição de suas encenações na busca compulsiva pelo gozo acabam por confrontá-lo com o horror inconsciente de não poder depender delas indefinidamente para escapar da angústia, da loucura e da melancolia, que a perversão manteve afastadas até então. Este ponto limite – que ocasionalmente pode levar o perverso a procurar um analista ou que pode surgir no curso de sua análise – é exatamente a possível fenda que abala toda sua estrutura defensiva e através da qual pode-se entrever alguma possibilidade de subjetivação e de uma verdadeira demanda de trabalho analítico (COUTINHO et al., 2004).

É preciso, ainda, cuidado para que não sejamos cúmplices de seu discurso, impregnando-nos por uma distorcida consideração positiva incondicional que é mediada pela tirania da sedução, o que só comprometeria o desenvolvimento do processo:

Este (o analista), se for aprisionado pelo discurso perverso nas posições de moralista/regulador ou de cúmplice/voyeur, se encontrará incapaz de interpretar e será manejado na transferência, incorrendo no risco de perder até mesmo o princípio ético central de seu trabalho: o amor à verdade (COUTINHO et al., 2004).

Concordamos com os autores quando propõem o que seria preciso para uma clínica possível para com o sujeito perverso:

(...) o analista deve religar os cacos da história relatada, construir juntamente com o sujeito e acompanhá-lo nessa construção para atribuição de um sentido (...) O trabalho analítico com o perverso deve propiciar uma saída pela vertente do amor: uma mudança na sua posição subjetiva que acarrete um movimento do pólo de gozo em direção ao pólo de amor (COUTINHO et al., 2004).

Algumas graduandas de psicologia da PUC Campinas, no texto *Abordagem Centrada na Pessoa e Psicose: uma experiência, associam a patologia (e aqui fazemos a correlação com a perversão) com a apreensão da realidade experiencial de cada um, assim como a necessidade de consideração positiva incondicional pessoal e externa:*

Neste sentido Rogers (1975) afirma que “Podemos, pois, estabelecer teoria sobre esta base, sem ter que nos procurar com a delicada questão da natureza da ‘verdadeira realidade’” (p.197). A base sobre a qual a teoria se estabelecerá é a da experiência vivida, a “realidade para o cliente” (FRATTI et al., 2008, p. 4).

Mais uma vez, a melhora do quadro associa-se em como o cliente pode relacionar mais verdadeiramente e mais independente das pessoas-critério que adotou em sua vida:

Rogers ainda afirma que estas pessoas que se relacionam positivamente com outras são pessoas-critério, já que elas podem se tornar uma força que determina e regula futuros relacionamentos. Isto quer dizer que o indivíduo talvez prefira direções dadas por esta pessoa-critério às dadas pela necessidade de satisfazer sua tendência atualizante. (...) Coloca que a consideração positiva de si parte também da consideração do outro (pessoas-critério), ou seja, a avaliação (seja positiva ou negativa) que o outro faz do indivíduo passa a fazer parte dos julgamentos que o próprio indivíduo faz de si mesmo. Desta forma, o sujeito que se baseia na forma como é considerado pelo outro desenvolve uma visão, de si mesmo e dos outros, parcial ou condicional. A pessoa, então, que evita (ou procura) aquela relação ou situação em que não é aceito (ou em que é aceito) adquiriu um modo de avaliação condicional (FRATTI et al., 2008, p. 5).

De acordo com a teoria da Abordagem Centrada na Pessoa, é como se nessas pessoas, a tendência atualizante sofresse um desvio, um bloqueio em seu curso original. Rogers e Kinget (1977, p. 159) acreditam que “todo organismo é movido por uma tendência inerente para desenvolver todas as suas potencialidades e para desenvolvê-las de maneira a favorecer sua conservação e seu enriquecimento”.

Lobo (1996), bem como vários outros psicólogos centrados, acreditam que esta atualização não se manifesta em nós automaticamente, pois, requer relações humanas favoráveis que visam a conservação e valorização do eu. É necessário um ambiente não ameaçador para a pessoa poder desenvolver todas suas potencialidades e colocá-las em curso. Portanto, uma condição *sine qua non* para que se manifeste e torne realidade, é que

(...) o indivíduo possa vivenciar um relacionamento humano caloroso e verdadeiro, em que ele tenha um significado pessoal, seja objeto de um investimento afetivo e encontre um clima de segurança e intimidade, tanto física, quanto psicológica (LOBO, 1996, p. 1).

Pode-se concluir então, que a Psicanálise e a Abordagem Humanista Centrada na Pessoa podem ser eficazes no tratamento da pessoa considerada perversa, bem como das pessoas que com ela se relacionam:

A Abordagem Centrada no Cliente tem como principal objetivo compreender e aceitar a percepção e os sentimentos da pessoa, partilhar da visão que ela tem da realidade, em vez de impor um determinado ponto de vista. Essa abordagem se apóia, principalmente, na capacidade de crescimento do indivíduo. O terapeuta é uma pessoa ativa e significativa que pode ajudar a criar condições, em que as forças regenerativas naturais voltem a atuar (SHLIEN, 1975). Não só o terapeuta, mas qualquer um que se relacione com a pessoa de maneira positiva e incondicional favorece o fortalecimento da autodeterminação (FRATTI et al., 2008, p.8).

Na dedicada observação dos fenômenos humanos descritos em todas as manifestações da sua arte empírica na busca do amparo da alma, um belíssimo e breve ensaio literário nos é apresentado por Garcia Márquez (2006) que traduz com lucidez e força criadora o que sintetiza esse trabalho:

Graças a ela enfrentei pela primeira vez meu ser natural enquanto transcorriam meus noventa anos. Descobri que a minha obsessão por cada coisa em seu lugar, cada assunto em seu tempo, cada palavra em seu estilo, não era o prêmio merecido de uma mente em ordem, mas, pelo contrário, todo um sistema de simulação inventado por mim para ocultar a desordem da minha natureza. Descobri que não sou

disciplinado por virtude, e sim como reação a minha negligência, que pareço generoso para encobrir minha mesquinhez, que me faço passar por prudente quando na verdade sou desconfiado e sempre penso o pior, que sou conciliador para não sucumbir às minhas cóleras reprimidas, que só sou pontual para que ninguém saiba como pouco me importa o tempo alheio. Descobri, enfim, que o amor não é um estado de alma e sim um signo do zodíaco (GARCIA MARQUEZ, 2006, p.78).

Sempre há tempo. E o que não é a psicoterapia senão três momentos: a procura, a surpresa e finalmente, o encontro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COUTINHO, A. H. A. et al. Perversão: uma clínica possível. **Reverso**, Belo Horizonte, v. 26, n.51, dez. 2004. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S01027395200400010003&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 10 out. 2011.

FRATTI, A. et al. **Abordagem Centrada na Pessoa e Psicose: uma experiência**. Texto digitado, 2008.

FREIRE, E. TAMBARA N. **Terapia Centrada no Cliente: teoria e prática: um caminho sem volta...** Porto Alegre, Ed. Delphos, Impressão Paliotti, 2007.

FRUTUOSO, S. Psicopatas, eles estão entre nós. **ISTO É**, 28 out, 2008. p. 80-85.

GARCIA MÁRQUEZ, G. **Memória de minhas putas tristes**. Tradução de Rio de Janeiro: Record, 2006.

LOBO, E. C. **Psicopatologia: uma visão humanista**. In: V JORNADA DA CLÍNICA DE PSICOLOGIA DA PUC MG, 1996. Anais da V JORNADA DA CLÍNICA DE PSICOLOGIA DA PUC MG. Belo Horizonte: PUC MG, 1996.

PIRES, A. L. S. et al. Perversão - Estrutura ou montagem? Disponível em <<http://www.cbp.org.br/artigo17.htm>>. Acesso em: 10 de outubro de 2011.

ROGERS, C. R; KINGET, G. M. Definições das noções teóricas. In: ROGERS, C. R; KINGET, G. M. **Psicoterapia e Relações Humanas**. v.1. Belo Horizonte: Interlivros, 1977, p. 157-180.

_____. Tendência atualizante e noções conexas. In: ROGERS, C. R; KINGET, G. M. **Psicoterapia e Relações Humanas** v.1. Belo Horizonte: Interlivros, 1977, p. 159-161.

SAINT-EXUPÉRY, ANTOINE. **O Pequeno Príncipe**. Tradução de Dom Marcos Barbosa. Agir Editora Ltda, 1946.